

“LÁ EM CIMA [DA MANGUEIRA] O SINAL É MELHOR”:

representações das materialidades escolares em tempos de pandemia da COVID-2019 na Amazônia Paraense

Rogério Andrade Maciel

Universidade Federal do Pará – (UFPA)

Rosa Fátima de Souza Chaloba

Universidade Estadual Paulista - (UNESP)

Miguel Pereira de Sousa

Universidade Federal do Pará – (UFPA)

Resumo

O contexto pandêmico trouxe várias representações nas formas de ensinar e aprender pelo uso das materialidades, desde as práticas permanentes, aquelas que estavam sendo apropriadas/inovadoras pelo uso de linguagens e saberes específicos com o uso das tecnologias educacionais. Assim, o objetivo deste artigo foi o de analisar as representações e as implicações do Ensino Remoto Emergencial (ERE) na cultura material escolar durante a pandemia COVID-19. Os procedimentos metodológicos, com o uso da reportagem do gênero notícia publicada pelo jornal digital G1 – Santarém e Região, posteriormente divulgada pelo Fantástico e o uso da fotografia para desvelar os discursos presentes e ausente sobre uma sala de aula adaptada nas mangueiras, foram base de análise do texto. Desse modo, foi constatado diversos sentidos sobre as materialidades durante o ERE: a força de vontade do aluno trouxe a esperança da persistência dos seus sonhos, mesmo em dias cinzentos no contexto pandêmico. O apoio da família foi fundamental para a continuação dos estudos no Brasil; além do que, as lutas de representações entre o que estava prescrito nas resoluções e na realidade, demonstraram a carência de políticas públicas com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC'S) nos territórios da Amazônia Paraense, Brasil.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação e Comunicação; Ensino Remoto Emergencial; Representações das materialidades escolares; Amazônia Paraense.

“UP THERE [THE HOSE] THE SIGN IS BETTER”:

representations of school materialities in times of the COVID-2019 pandemic in the Paraense Amazon

Abstract

The pandemic context brought several representations in the ways of teaching and learning through the use of materialities, from permanent practices, those that were being appropriated/innovative through the use of specific languages and knowledge with the use of educational technologies. Thus, the objective of this article was to analyze the representations and implications of Emergency Remote Teaching (ERE) in the school material culture during the COVID-19 pandemic. The methodological procedures, with the use of the news report published by the digital newspaper G1 – Santarém e Região, later published by Fantástico and the use of photography to reveal the present and absent discourses about a classroom adapted in mango trees, were the basis of text analysis. In this way,

several meanings were found about the materialities during the ERE: the student's willpower brought hope for the persistence of their dreams, even on gray days in the pandemic context. The support of the family was fundamental for the continuation of the studies in Brazil; in addition, the struggles of representations between what was prescribed in the resolutions and in reality, demonstrated the lack of public policies with the use of Information and Communication Technologies (ICTS) in the territories of the Pará Amazon, Brazil.

Keywords: Information and Communication Technology; Emergency Remote Teaching; Representations of school materialities; Paraense Amazon.

“ARRIBA [LA MANGUERA] LA SEÑAL ES MEJOR”:

representaciones de materialidades escolares en tiempos de la pandemia del COVID-2019 en la Amazonía Paraense

Resumen

El contexto de pandemia trajo varias representaciones en los modos de enseñar y aprender a través del uso de materialidades, a partir de prácticas permanentes, aquellas que se estaban apropiando/innovando a través del uso de lenguajes y saberes específicos con el uso de tecnologías educativas. Así, el objetivo de este artículo fue analizar las representaciones e implicaciones de la Enseñanza a Distancia de Emergencia (ERE) en la cultura material escolar durante la pandemia del COVID-19. Los procedimientos metodológicos, con el uso del reportaje publicado por el diario digital G1 – Santarém e Região, luego publicado por Fantástico y el uso de la fotografía para revelar los discursos presentes y ausentes sobre un aula adaptada en árboles de mango, fueron la base de análisis de texto. De esta forma, se encontraron varios significados sobre las materialidades durante el ERE: la fuerza de voluntad del estudiante traía esperanza para la persistencia de sus sueños, incluso en días grises en el contexto de la pandemia. El apoyo de la familia fue fundamental para la continuación de los estudios en Brasil; además, las pugnas de representaciones entre lo prescrito en las resoluciones y la realidad, evidenciaron la falta de políticas públicas con el uso de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TICS) en los territorios de la Amazonía de Pará, Brasil.

Palabras clave: Tecnologías de la Información y la Comunicación; Enseñanza remota de emergencia; Representaciones de materialidades escolares; Amazonía Paraense.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 impactou profundamente a educação escolar no Brasil com desdobramentos peculiares ainda em curso. A adoção do Ensino Remoto Emergencial pôs na ordem do dia a centralidade da tecnologia educacional, mobilizando novos recursos e ressignificando técnicas e artefatos, atribuindo-lhes novos usos. Assim, interrogar as repercussões dessas mudanças na materialidade das escolas é um dos intuitos deste artigo.

De fato, a imprescindibilidade dos objetos para a eficácia e a inovação educacional tem sido reiteradamente afirmada nos últimos dois séculos, acompanhando a constituição e a consolidação dos sistemas nacionais de ensino por toda parte. Os estudos históricos sobre a materialidade escolar, fluorescentes nas duas últimas décadas, têm posto em questão o aparecimento e o desaparecimento de diferentes objetos escolares, o circuito de produção,

a distribuição e o consumo de artefatos para as escolas, os sentidos e os usos atribuídos à materialidade escolar, assim como os debates, os discursos e as representações, construídos em torno da importância da configuração material, dos objetos/materiais didáticos para o ensino e a aprendizagem e o bom funcionamento das escolas (LAWN; GROSVENOR, 2005; CASTRO, 2011; SILVA; PETRY, 2012; SILVA; SOUZA; CASTRO, 2018).

Desde meados do século XX, a tecnologia educacional, seja entendida como conhecimento racional aliado a um saber fazer que possibilita a criação, produção e inovação de objetos e equipamentos para uso escolar, seja como a aplicação de teorias, processos e métodos aos problemas educacionais, tem ocupado um lugar, cada vez mais proeminente no debate educacional (SOUZA; OLIVEIRA, 2018). Particularmente, as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm sido consideradas como essenciais na educação do século XXI.

Os objetos de comunicação, são correlatos para a feitura de práticas pedagógicas e culturais, propagadas por aulas ministradas pelos professores e acompanhadas pelos alunos. Elas também estão envolvidas pelas estratégias de imposição e/ou adequação para a materialidade do ensino (MACIEL, 2020).

Durante o período agudo da pandemia da Covid-19 (2020 - 2021), com a adoção do ensino remoto, ficou acelerado os usos das plataformas digitais, da internet, dos computadores e celulares para fins educacionais, redundando em enormes desafios enfrentados por professores e alunos. Como bem assinalou Carlos Jamil Cury (2020), a pandemia exigiu a suspensão das atividades escolares de forma presencial e desconstruiu o cotidiano escolar, alterando profundamente a compreensão e a vivência da escola como um lugar institucional de permanência contínua e de convivência fora de casa. Em uma radical subversão, desse modo de ser constitutivo da forma escolar, ocorreu, segundo o autor, uma *invasão das escolas nas casas*, demandando a posse, o acesso e o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC). A sala de aula foi transferida para a casa de cada estudante e expôs as profundas diferenças e desigualdades nas condições de acesso ao mundo digital (acesso à internet e a equipamentos como os computadores e os celulares). Ainda, conforme as observações de Cury (2020), essas mudanças repercutiram, também, no trabalho docente demandando o aprendizado e uso das tecnologias e colocando em discussão “a importância da figura e do valor profissional do professor, da professora” (CURY, 2020, p. 14).

Por isso, os objetos devem ser definidos de acordo com seu contexto histórico, seu uso, suas condições históricas e assim, analisados como uma tecnologia educacional da história da cultura material escolar (MACIEL, 2020).

Ressalta-se que o objetivo deste artigo é o de analisar as representações e as implicações do Ensino Remoto Emergencial na cultura material escolar durante a pandemia do COVID -19, tendo como base uma reportagem do gênero notícia publicada pelo *jornal digital G1¹ - Santarém e Região* e divulgada pelo *Fantástico* no dia 21.03.2021 sobre uma sala de aula adaptada nas mangueiras da Amazônia Paraense.²

¹ O G1 é o portal de notícias da Globo que é líder de audiência no jornalismo digital no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

² Notícia intitulada *Estudante adapta 'sala' em cima de árvore para acompanhar aulas remotas, no PA: 'construindo um sonho'*, publicada no *G1 Santarém e Região* no dia 14/03/2021. Esse Portal de Notícias é mantido pelo Grupo Globo sob orientação da Central Globo de Jornalismo. Disponível em: [5](https://g1.globo.com/pa/santarem-</p></div><div data-bbox=)

A análise fundamenta-se na noção de representação de Roger Chartier (1990) e nos estudos sobre cultura material escolar.

Na primeira parte do texto, a reflexão incide sobre as repercussões da pandemia na educação paraense e as medidas tomadas pelo poder público ao instituir o ensino remoto. Na sequência, é apresentada a análise das representações das materialidades escolares instituída pela experiência vivenciada de um jovem estudante da Amazônia Paraense.

Repercussões da pandemia da Covid-19 na educação

É evidente que durante o contexto pandêmico, da COVID³- 2019, o ensino e a aprendizagem foram sendo reelaborados para atender as demandas emergenciais do Ensino Remoto Emergencial, cujo intuito era o de assegurar as prescrições sanitárias, num contexto de calamidade pública social nas mais diferentes escalas do mundo social.

Como assinalado anteriormente, a pandemia de COVID-19 alterou todas as formas de convivência humana, principalmente nos anos de 2020-2021, momento em que diversas instituições mobilizaram-se para combater e defender a população mundial, dentre elas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, inúmeras medidas de prevenção e anunciou sua rápida disseminação geográfica pelo mundo⁴.

Conforme Gouveia (2021), a pandemia de COVID-19:

[...] interrompeu cadeias produtivas, levando a uma crise econômica global ainda sem precedentes, com paralisação de atividades industriais, comerciais e serviços, redução da circulação aérea internacional, socorro financeiro e fiscal a empresas e medidas de transferência de renda a milhões de trabalhadores que tiveram trabalho e renda afetados pelo novo coronavírus. (GOUVEIA, p.22, 2021).

Desse modo, percebe-se o quanto a pandemia impactou diversas áreas sociais no mundo inteiro que, por consequência, exigiu dos governos mundiais estratégias de combate à disseminação da doença, tal como o isolamento social. Vale ressaltar que em todos os âmbitos, desde a Educação Básica até ao Ensino Superior foi diretamente impactado pela política de quarentena do isolamento social.

No Brasil, vale destacar que a Resolução da CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020, instituiu as Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos

regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml. Acesso em: 27 jun. 2023.

³ Malta *et al* (2020) destaca que a sigla COVID -19 refere-se a uma abreviação em inglês para *coronavirus disease 2019*, os autores destacam ainda que uma importante questão quando refere-se a COVID-19 está relacionada ao agente etiológico da doença que é o SARS-CoV-2 (abreviação em inglês para *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*). Ou seja, nesta pesquisa, a doença é tratada majoritariamente como COVID-19, ou novo coronavírus.

⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, onde estabeleceu-se normas educacionais excepcionais a serem instituídas para os sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020.

Nele estão contidos diversos indicadores sobre as diferentes formas de ensinar, planejar, organizar o cômputo de carga horária, a relação de atividades presenciais e não presenciais. Desta, extraímos um dos seguintes tópicos:

Art. 14. Por atividades pedagógicas não presenciais na Educação Básica, entende-se o conjunto de atividades realizadas com mediação tecnológica ou por outros meios, a fim de garantir atendimento escolar essencial durante o período de restrições de presença física de estudantes na unidade educacional. (BRASIL, 2020, p. 4).

Ou seja, elas orientaram as diferentes formas de ensinar dos professores durante o ERE, pois o conjunto de atividades realizadas pelas mediações tecnológicas garantem o atendimento escolar aos alunos. Essa Resolução apresenta ainda (BRASIL, 2020, p. 4):

[...] § 3º As atividades pedagógicas não presenciais podem ocorrer, desde que observadas as idades mínimas para o uso de cada mídia: I - por meios digitais (vídeo aulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros); II - por meio de programas de televisão ou rádio; III - pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos estudantes e seus pais ou responsáveis; [...].

Aqui existe um conjunto de práticas a serem seguidas e orientadas no que refere-se às atividades pedagógicas não presenciais por uso de tantas ferramentas tecnológicas quanto material impresso para ser usado durante o Ensino Remoto Emergencial. O ERE compreende um conjunto de estratégias didático-pedagógicas que dispensa a necessidade de compartilhamento do mesmo espaço físico entre discentes e docentes. Inicialmente, a medida seria para compreender um período inicial de 14 de setembro de 2020 até 28 de fevereiro de 2021 em todos os estados brasileiros.

De todo modo, as práticas neste ensino estiveram organizadas para o ato de ensinar e aprender em tempos de pandemia, onde a figura do professor e do aluno, ganharam novos raios de interação, quer seja pela presença das tecnologias, dos materiais impressos e da forma de se relacionar nos múltiplos contextos sociais para o ensino de crianças, jovens, adultos e idosos.

A reflexão tecida neste texto, parte de uma reportagem que relata a experiência de um aluno da rede pública municipal do 1º ano do Ensino Médio, no município de Alencar, no Oeste do Pará, que valeu-se de distintas táticas para manter a continuidade dos estudos. A notícia publicada no *G1, jornal digital G1 - Santarém e Região*, no dia 14.03.2021, chamou a atenção de inúmeros telespectadores que assistiram a reportagem do *Fantástico*⁵ no dia

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4QZxMTSy5I>. Acesso em: 27 jun. 2023.

21.03.2023, um dos programas de maior audiência na TV brasileira. Essa notícia permitiu problematizar os discursos impressos nas imagens e nos textos, tendo em vista as materialidades, presentes no Ensino Remoto Emergencial em tempos de pandemia para as populações do campo da Amazônia Paraense.

Nesta análise, buscou-se compreender a seguinte questão: *que representações estão presentes nos discursos escritos do tipo gênero notícia e o outro do tipo imagético que retratou a experiência do sujeito escolar, Artur Mesquita, numa determinada realidade social em tempos de pandemia?*

Para o estudo da materialidade escolar, Martin Lawn (2018) ressalta a importância de o pesquisador considerar a relação entre pessoas, objetos e rotinas que encontram-se intimamente conectados. Dado que durante a pandemia, a escola e a sala de aula deslocaram-se para a casa dos alunos e dos professores há que se considerar as alterações e as adaptações da dinâmica da materialidade escolar.

No que diz respeito ao estudo das representações, tal como propõe Roger Chartier (1990), é preciso atentar para os processos de construção e disputa das representações, observando os interesses e os posicionamentos dos grupos que as produzem. Significa, portanto, considerar os discursos presentes nos textos (ou imagens) que dão a ver e pensar o real apropriados pelos leitores.

Reinvenções da sala de aula: entre estratégias e táticas na Amazônia Paraense

Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará. Esta foi a maneira que o jovem Artur Mesquita, de 15 anos, encontrou para acompanhar as aulas, que passaram a ser online, por conta da pandemia de COVID-19. Em meio à vegetação da maior floresta tropical do planeta, lá está a árvore oferecendo sombra e esperança ao jovem que se mantém como um dos alunos mais aplicados do 1º ano do Ensino Médio, no município de Alencar, no Oeste do Pará

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R4QZxMTSy5I>. Acesso em: 27 jun.2023.

Imagem 1: Jovem estuda em cima de mangueira para não perder aulas remotas



Fonte: Lúcia Ribeiro/Arquivo Pessoal/Portal de Notícias G1, 2021.

Essa seção inicia-se com um excerto e uma imagem registrados na notícia publicada pelo *jornal digital G1 - Santarém e Região*, intitulada *Estudante adapta “sala” em cima de árvore para acompanhar aulas remotas no Pará: ‘construindo um sonho’*. Trata-se de duas formas de discursos que atravessam a compreensão de um cenário das representações ausente e presente: um discurso escrito do tipo gênero notícia e o outro do tipo imagético. Sobre as representações, Chartier (2003), anuncia duas perspectivas: a primeira delas é como ver uma coisa ou algo ausente, ou seja, presentificar o ausente. Já a segunda, é a utilização do objeto em seu sentido simbólico, este é partilhado por determinado grupo social, aquele podemos inferir por rerepresentar o ausente⁷.

Conforme consta na notícia, o aluno “Arthur Mesquita” morava na cidade e com o contexto pandêmico, a família optou para vir morar no meio rural do município. Ele é filho de agricultores e a ajuda os pais na roça e em outro momento acompanha as aulas pelo celular. O aluno tinha 15 anos de idade, no período da reportagem, e sempre foi visto pelos familiares e colegas como um dos alunos mais aplicados do 1º ano do Ensino Médio.

⁷ Nos estudos de Maciel 2020, identifica-se o uso das tecnologias educacionais como fonte e objeto para representar um objeto ausente, em seu campo simbólico.

A notícia, em análise, de certo modo registra os acontecimentos e aspectos da vida social, no ato de ouvir, falar e principalmente pelos diferentes modos de ver. Logo, um *site* de notícias como o *G1*, caracteriza-se como fonte de informação e formação de corpos e mentes dos sujeitos. Da mesma forma que o jornal diário, essa modalidade de veiculação de notícias veicula concepções de mundo e constrói representações coletivas, por isso, deve ser interrogada acerca do contexto de sua produção, dos interesses subjacentes e da sua força persuasiva e educativa (LUCA, 2005; CAMPOS, 2007).

No primeiro discurso escrito do tipo gênero notícia, há uma representação, a de um jovem que subiu no alto de uma árvore para ter acesso ao sinal de internet, e consequentemente ser “incluído” as aulas *online* ou remotas, durante o contexto da pandemia da COVID-2019.

Cabe destacar na notícia, os sentidos das emoções e o lugar, associados à “esperança do sujeito, a sombra de uma árvore” como espaço de ensino e aprendizagem. Elas reverberam a força motriz do capitalismo, quando o único responsável por buscar seu processo de escolarização - é o indivíduo na sociedade, o discente, instituída pela prescrição da meritocracia individual e representada pela visão romântica - sem problematizar a falta de estrutura e investimentos nas tecnologias educacionais por parte dos entes federados e sem apontar ainda as desigualdades de acesso às informações, as linguagens e aos saberes específicos dessas tecnologias, durante o contexto da pandemia -2019 no Brasil e, principalmente, na Amazônia Paraense.

A motivação para vencer as dificuldades para estudar é apresentada pela jornalista Geovane Brito como decorrência de um sonho, o de cursar o Ensino Superior, estudar em uma faculdade, voltada para as tecnologias do campo. Dessa maneira, a notícia reforça o imaginário sobre o valor da educação como projeto de futuro e mudança de vida. Outro valor ressaltado é o do apoio da família considerado indispensável para o sucesso dos estudantes na escola. Antes da adoção do ensino remoto, o pai de Artur buscava na escola as apostilas com as atividades que o filho deveria realizar. Por sua vez, o relato da mãe deixa entrever as inúmeras dificuldades enfrentadas pelas famílias paraenses e brasileiras em geral em relação à garantia da educação dos filhos durante a pandemia:

[...]A gente morava na cidade, tinha internet, tinha tudo, mas mudamos para a colônia. Chegou aqui e começaram as aulas remotas e a internet é muito ruim. Corre menino para cima da mangueira, leva menino para a cidade, foi uma loucura. Lá em cima [da mangueira] o sinal é melhor. (Agricultora Lúcia Helena Ribeiro, 2021).⁸

Digno de nota, o esforço do aluno, que conciliava o trabalho na roça com os estudos, é apreciado também pelos professores: “[...]Quando vejo um aluno como o Artur me enche de esperança”, afirmou o professor de História da escola, onde o aluno estudava. Exemplo paradigmático, o aluno que improvisa (adapta) a sala de aula em uma árvore, simboliza o melhor das expectativas, torna-se um exemplo de resistência, determinação e tenacidade. Por outro lado, de forma sutil, a jornalista põe em questão a atuação do poder público face ao

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

problema da educação em meio à pandemia. O esclarecimento da Secretaria de Estado da Educação do Pará (SEDUC) é o de reafirmação das iniciativas adotadas:

[...] além dos conteúdos de aprendizagem disponibilizados através das plataformas digitais, também está fornecendo materiais pedagógicos de maneira impressa aos estudantes, por meio dos cadernos de atividades estruturantes e compêndios, além do uso do livro didático como suporte no processo de aprendizagem.

De acordo com a Seduc, esses materiais são elaborados por professores de todas as áreas do conhecimento e distribuídos nas unidades de ensino, dessa forma, garantindo materiais de estudos aos alunos que não possuem acesso à internet.⁹

De todo modo, isto demonstrou a falta de investimento do governo com as políticas públicas na área da educação e a precariedade na infraestrutura, quando relacionada ao acesso às tecnologias das informações e comunicação, a exemplo dessa experiência, quando a maioria dos alunos, principalmente do campo, sequer tinham um celular para o seu uso, imagine obterem sinal de internet para acompanhar as aulas remotas. Por isso, o quantitativo de alunos que não conseguiram acompanhar e ter acesso às aulas remotas foram significativos no contexto pandêmico da COVID-2019.

O inventário da inovação dos métodos, técnicas e processos de ensino, decorrentes da pandemia, produzidos pelos órgãos da administração do ensino e, especialmente, pelos professores e alunos ainda está por ser feito. Da mesma forma, o inventário da materialidade decorrente dessa experiência inusitada e desafiadora, vivenciada por todos nós, nos anos de 2020 e 2021.

No segundo discurso do gênero texto imagético em análise neste texto, dar-se-á a representação mediada pela materialidade dos objetos e do espaço social em que o sujeito estudante encontra-se. Quatro fotografias foram utilizadas na notícia – três retratando de diferentes ângulos o aluno estudando em cima da árvore e uma retratando toda a sua família. Funcionando como informação, testemunho e ilustração, as fotografias tornam mais crível a matéria noticiada. Vale lembrar no entanto, como têm sublinhado vários autores, que o objetivo da imagem foto jornalística é informar e contextualizar o acontecimento focalizado pela matéria construindo também uma narrativa (MACHADO JUNIOR, 2015; MONTEIRO, 2016). Como qualquer fotografia, a chamada “fotografia de imprensa” também se constitui como uma criação do fotógrafo e uma representação do real (KOSSOY, 2000; BORGES, 2005).

As três fotos do aluno Artur estudando em cima da mangueira, da fotógrafa Lúcia Ribeiro, constroem uma crônica visual, nos termos cunhados por Cartier Bresson (1981). A seu modo, as imagens narram a saga do jovem para estudar em tempos de pandemia e de precariedade no acesso à internet; No entanto, têm se uma narrativa alegórica em que o protagonista (o jovem aluno) é retratado com um sorriso nos lábios naturalizando uma situação espinhosa e dramática. Além da interessante conotação estética e simbólica das

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

imagens, elas também permitem entrever a composição material dessa sala de aula adaptada nesse contexto social.

Sobre a apreensão do mundo social, Chartier (1988, p.17), as define por “esquemas de classificação, divisão, organização em busca de apreender as disposições partilhadas e estáveis de um próprio grupo e é esse que o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”. Assim, são nesses esquemas que surgem as percepções do mundo social de modo que não são neutros ou imparciais, “por isso é necessário relacionar o discurso proferido com a posição [ou interesse] de quem os utiliza” (CHARTIER, 1988, p. 17).

De imediato, identifica-se que a árvore é a do tipo mangueira, típica dos diversos municípios da região paraense. Existem duas tábuas brancas e que provavelmente estão na cor marrom por pegarem muitas chuvas e sol durante o dia e a noite. Uma delas está posta entre os galhos da mangueira para o aluno sentar, tornando-se uma materialidade de uma móvel de “assento escolar”, assim como na escola, mas a diferença é que não tem madeira para o sujeito encostar a coluna.

Conforme Maciel e Castro (2020), isso, de certa forma, prejudica a aprendizagem do aluno, pois, imagina ficar horas nessa posição, com dor nas costas, onde, na tábua, o aluno fica com a má postura no ato de sentar, trazendo a falta de concentração, observação, impedindo uma boa produção por parte deste e impactando em seus ritmos de aprendizagem – aspectos essenciais da aprendizagem escolar. Além do que, isso interfere em sua qualidade de vida, quando o aluno é cobrado por diferentes sujeitos escolares e a família, por não produzir de forma adequada, o que pode levá-lo ao sentimento de fracasso e incapacidade.

Desse modo, o sujeito é sempre o responsável pela sua aprendizagem, e a representação da necessidade de um espaço apropriado para o estudo, a qualidade e o sinal de internet para escutar as aulas e o direito de um assento digno, conforme as orientações ergonômicas, ficam sendo uma segunda representação não problematizada, a do direito negado!

A outra tábua, enquanto “materialidade escolar”, traz outras representações. Aqui são duas tábuas, ainda que sejam rústicas e pensadas para o Ensino Remoto, elas estão entre os galhos da árvore da mangueira também e existe uma prática cultural em que foram confeccionadas com posições e comprimentos diferentes, no formato de L, formando um ângulo de 90°.

Essas tábuas podem ser chamadas de Gabarito, é quando coloca-se no terreno, num espaço uma moldura, trata-se de uma fase fundamental da construção, onde não se pode errar! Neste sentido, as duas tábuas emendadas, podem ser chamadas de um gabarito, projetada para ser usada e adequada na mangueira, cuja finalidade é a de segurar o celular para o aluno obter o sinal de internet e conseguir visualizar e escutar as aulas durante o contexto da pandemia da COVID-2019.

De certa maneira, isto remete a outros sentidos, expressos nessa materialidade, as tábuas no formato L, fixadas na mangueira, trazem a ideia das mobílias do quadro negro fixados nas paredes das escolas, onde o professor escreve e orienta os alunos, assim como o uso de Datashow e de outras materialidades escolares, mediadas pelos docentes para facilitar a aprendizagem do aluno. Nessa representação, no dispositivo móvel celular, é o aluno que precisa ter a habilidade de acessar os *links*, redes de interação, ou seja, ele precisa de conhecimentos da linguagem tecnológica para ter acesso aos conteúdos ministrados pelos

professores numa tela de celular, além disso, a figura do professor ainda é essencial para a formação dos alunos, quer seja pelas aulas presenciais ou *online*.

Quanto ao celular, ele foi e é um dos principais instrumentos de ensino e aprendizagem dos alunos, dependendo das redes de interação, é ali que foi e é usado as informações durante o Ensino remoto, a respeito: dos professores que iriam ministrar os conteúdos; horário de aulas; trabalhos a serem entregues aos alunos, orientações aos pais, reuniões pedagógicas; dentre outras práticas escolares que foram mediadas pela materialidade do uso do celular e traz inúmeras representações na forma de ensinar e aprender em tempos de pandemia da COVID-19¹⁰.

O sujeito aluno, ainda que seja de forma performática, quando ele retira a foto para ser usada na reportagem, ele segura uma apostila. A apostila foi uma outra adequação importante para que os alunos acompanhassem os conteúdos durante o Ensino Remoto, pois conforme o relato na reportagem, e de muitas realidades dos familiares dos interiores, os pais iam até as escolas pegar as apostilas com as atividades de conteúdos planejadas pelos professores, mais surgiam muitas dúvidas dos alunos em relação a elas.

Antes dos estudos remotos, o pai de Artur ia de moto até a cidade buscar apostilas com as atividades que o filho tinha que estudar. No entanto, como não tinha possibilidade de questionar quando houvesse dúvidas, a aprendizagem ficava prejudicada. “Com a aula remota ficou um pouco mais fácil para entender o assunto”.¹¹

Dáí o uso da internet pelo celular, foi uma das estratégias do ensino remoto, pois os alunos poderiam acompanhar os conteúdos, retirando suas dúvidas pelas apostilas também, tentando garantir o acompanhamento e a aprendizagem dos alunos.

Segundo informação no *Jornal digital G1*:

[...] Ele e a família moram em uma comunidade na região conhecida como Estrada do Sena, que fica distante cerca de 17 km do centro da cidade, em Alenquer, no Oeste do Pará. Em sua localidade o sinal de celular e internet é ruim, conforme a reportagem, “[...] Em uma das noites na comunidade, o estudante e os irmãos tentavam encontrar sinal telefônico. Ao chegar próximo à mangueira perceberam que a intensidade aumentava. Eles tiveram a ideia de subir na árvore e constataram que lá tinha acesso à internet. Desde então, o lugar na árvore serve para comunicação na rede de computadores, não apenas da família, mas de outras pessoas que moram perto da casa de Artur.”¹²

¹⁰ Diversas pandemias deixaram suas marcas na História do mundo, causando transformações sociais, culturais e econômicas nas mais diferentes sociedades, a exemplo da praga bubônica (peste negra) no século XV, varíola (que flagelou a humanidade por quase 3 mil anos) e a Gripe Espanhola em 1918 (MUNIZ, 2011). Todas impactaram a vida social cotidiana no tempo em que eram os principais flagelos humanos.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>. Acesso em: 27 jun.2023.

¹² Notícia intitulada *Estudante adapta 'sala' em cima de árvore para acompanhar aulas remotas, no PA: 'construindo um sonho'*, publicada no *G1 Santarém e Região* no dia 14/03/2021. Disponível

Destaca-se, ainda, que mesmo os familiares obtendo o plano de internet em casa, a rede de conexão não funcionou no espaço da sua residência, motivo pelo qual, o aluno forjou a adaptação de uma sala de aula, mediada pela a intensidade do sinal no alto da mangueira, para que este viesse a acompanhar as explicações e os conteúdos ministrados pelos professores, via celular.

Diante dessas análises dos discursos presentes no gênero notícia e imagético, identifica-se o uso e apropriação de diferentes objetos como o uso do celular, computador, aplicativos, apostilas, dentre outros, as quais foram as materialidades acionadas durante o Ensino Remoto Emergencial e trazem as percepções deste dado lugar, de percepções sobre o mundo social da tecnologia.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Quando analisou-se as representações, durante o Ensino Remoto Emergencial, no âmbito da cultura material escolar durante a pandemia da COVID -19, observou-se inúmeros contextos sociais que transitam nas formas de ensinar e aprender com o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil.

O fato das TIC's serem expandidas para as escolas públicas brasileiras e estarem alicerçadas/amparadas por inúmeras resoluções constitucionais, não garantiu a eficiência e eficácia da aprendizagem dos discentes com o uso da internet, por exemplo, enquanto possibilidade de acesso, informação e formação do sujeito, pois a escassez das tecnologias foram nítidas no contexto pandêmico.

Na experiência vivenciada com o discente Arthur de 15 anos, foi possível constatar inúmeras representações durante o ERE, mediado pelo uso de suas tecnologias que estavam enraizadas pelas atitudes de persistência dele, da força e apoio familiar, da ausência de sinal de internet que o mobilizou a buscar outros espaços escolares. *Lá em cima da mangueira o sinal é melhor* para acompanhar as aulas dos professores, ainda que se viesse a chuva, por exemplo, o ensino seria interrompido, ou pelo sinal ou porque é inviável o uso do celular permanecer funcionando com inúmeras ventanias e a própria chuva, visto que no alto dessa “sala de aula”, o espaço era descoberto.

De certo modo, isto traz os sentidos gerados pela sua atitude: em que medida o aluno Arthur criou estratégias e táticas para criar uma sala de aula adaptada? Como no discurso do texto escrito quanto imagético, houve a constituição do espaço escolar e suas outras materialidades em um contexto pandêmico, associadas, ainda, a algumas práticas semelhantes e descontínuas no ato de ensinar e aprender? Pois, é possível até indagar: no espaço escolar adaptado pelo aluno, não há uma cobertura segura, existem apenas folhas e os galhos da mangueira! Então, como ele acompanhava as aulas durante o inverno amazônico? Visto que o período iniciou-se em novembro de 2020 e atravessou o primeiro semestre de 2021, isto remete a representação até da arquitetura escolar ou não escolar, a do improvisado, da

em:<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>. Acesso em: 27 jun.2023.

adaptação! São essas questões que levou-se para representar as Materialidades constituídas durante o Ensino Remoto Emergencial na Amazônia Paraense-Brasil.

REFERÊNCIAS

BORGES, Maria Eliza. *História e fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL. *Resolução da CNE/CP nº 2, de 10 de dezembro de 2020*. Institui Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação dos dispositivos da Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas pelos sistemas de ensino, instituições e redes escolares, públicas, privadas, comunitárias e confessionais, durante o estado de calamidade reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020. Brasília, DF, Presidência da República [2020]. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECPN2020.pdf?query=obrigatoriedade#:~:text=Institui%20Diretrizes%20Nacionais%20orientadoras%20para,confessionais%2C%20durante%20o%20estado%20de. Acesso em: 20 maio 2022.

BRESSON, Cartier. *Henri Cartier-Bresson*, 1981. Disponível em: <https://www.cobogo.com.br/henri-cartier-bresson>. Acesso em: 20 maio 2022.

CAMPOS, Raquel. *Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2007.

CASTRO, Augusto (org.). *Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, SC e RS, 1870-1925)*. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão editorial, 1988.

CURY, Carlos. Educação escolar e pandemia. *Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2020.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LAWN, Martin; GROSVENOR, Ian (ed.). *Materialities of schooling*. Design, technology, objects, routines. United Kingdom: Symposium Books, 2005.

LAWN, Martin. A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho. In: SILVA, Vera Lúcia Gaspar; SOUZA, Gisele; CASTRO, César Augusto (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, 2018. p. 341-365. v. 14. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação).

LUCA, Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MACHADO JÚNIOR, Cláudio. Fotografia, imprensa de variedades e educação: discursos visuais e textuais sob o foco de uma pedagogia de revista. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 109-128, set./dez., 2015.

MACIEL, Rogerio. *O rádio cativo nas escolas radiofônicas*, 2020a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/fCFSCQh6cPXwhKLh9NQ6Vgc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2022.

MACIEL, Rogerio; CASTRO, Cesar. *As mobílias escolares nas escolas radiofônicas: uma análise sobre a produção, circulação e os métodos de ensino para os jovens e adultos na Amazônia bragantina (1961-1968)*, 2020b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347854453_As_mobilias_escolares_nas_escolas_radiofonicas_uma_analise_sobre_a_producao_circulacao_e_os_metodos_de_ensino_para_os_jovens_e_adultos_na_Amazonia_bragantina_1961-1968. Acesso em: 20 maio 2022.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

MUNIZ, Érico. A interiorização da covid-19 na Amazônia: reflexões sobre o passado e o presente da saúde pública. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v.28, n.3, p.875-878, jul./set. 2011.

SILVA, Vera; PETRY, Marília (org.). *Objetos da escola*. Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina - séculos XIX e XX). Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SILVA, Vera; SOUZA, Gisele; CASTRO, César (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, 2018. v. 14. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação).

SOUZA, Rosa; OLIVEIRA, Rosilene. A Tecnologia Educacional na investigação histórica da cultura material escolar. In: SILVA, Vera; SOUZA, Gisele; CASTRO, César (org.). *Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades*. Vitória: EDUFES, 2018. p. 367-399. v. 14. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação).

WEBGRAFIA

Estudante adapta 'sala' em cima de árvore para acompanhar aulas remotas, no PA: 'construindo um sonho', publicada no G1 Santarém e Região no dia 14/03/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2021/03/14/estudante-adapta-sala-em-cima-de-arvore-para-acompanhar-aulas-remotas-no-pa-construindo-um-sonho.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Sobre o g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FANTÁSTICO. *Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará*. Disponível em: : <https://www.youtube.com/watch?v=R4QZxMTSy5I>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Informação dos autores:

Nome da autor: Rogério Andrade Maciel

Afiliação institucional: Professor da Universidade Federal do Pará – (UFPA).

E-mail: rogeriom@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1673-5215>

Nome da segunda autora: Rosa Fátima de Souza Chaloba

Afiliação institucional: Professora titular em História da Educação na Universidade Estadual Paulista - (UNESP).

E-mail: rosa.souza@unesp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3905-7317>

Nome terceiro autor: Miguel Pereira de Sousa

Afiliação institucional: Universidade Federal do Pará/Campus Universitário de Bragança

E-mail: miguelsousa221@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0390-9802>